

**A PERCEPÇÃO DAS MULHERES DO XINGU SOBRE OS IMPACTOS DA
MUDANÇA CLIMÁTICA E DO AGRONEGÓCIO NA ALIMENTAÇÃO: AMEAÇAS
À SOBERANIA ALIMENTAR*****PERCEPCIÓN DE LAS MUJERES DEL XINGU SOBRE LOS IMPACTOS DEL
CAMBIO CLIMÁTICO Y LOS AGRONEGOCIOS EN LA ALIMENTACIÓN:
AMENAZAS A LA SOBERANÍA ALIMENTARIA***

Ylana Elias Rodrigues, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/Fundação
Oswaldo Cruz - Fiocruz/Ministério da Saúde, ylananutri@gmail.com

Ana Schramm, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/Fundação Oswaldo
Cruz - Fiocruz/Ministério da Saúde, schrammana@gmail.com

Ixulalu Waura, cacica de Topepeweke

Tsimaio Kalapalo, anciã, ex cacica da Aldeia Yawalapiti

Maitsa Yawalapiti, anciã da Aldeia Yawalapiti

Autuyawalu Waura, anciã, Aldeia Ulupuene

Sandra de Souza Hacon, Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/Fundação
Oswaldo Cruz - Fiocruz/Ministério da Saúde, sandrahacon@gmail.com

INTRODUÇÃO

De forma complexa e inter-relacionada, a insegurança alimentar e as mudanças climáticas afetam desproporcionalmente territórios indígenas de várias partes do Brasil, ameaçando a sua soberania alimentar, que é indissociável do bem viver. Sabe-se que o agronegócio em expansão e outras atividades econômicas legais e ilegais vêm afetando os sistemas de produção de alimentos locais, através do desmatamento, dos conflitos por terras, da contaminação dos rios etc. (Hacon et al., 2020; Vasconcellos et al., 2021).

A Terra Indígena do Xingu (TIX) está localizada na região nordeste do Estado do Mato Grosso, na porção sul da Amazônia brasileira. A TIX exibe uma grande biodiversidade, em uma região de transição ecológica, das savanas e florestas semidecíduais mais secas ao sul para a floresta ombrófila amazônica ao norte, apresentando cerrados, campos, florestas de várzea, florestas de terra firme e florestas em Terras Pretas Arqueológicas. No entanto, ela vem sendo cercada pelo processo de ocupação de seu entorno e já se evidencia como uma das poucas regiões preservadas em meio ao pasto e a monocultura na região, que pertence ao arco do desmatamento que avança ao sul da Amazônia (Vargas, 2023).

Sugere-se que esse cenário impacta a capacidade dos indígenas da região de garantir os alimentos necessários para sua subsistência, como os peixes e a mandioca para fazer beiju e mingaus (Povos Indígenas no Brasil, [2022?]). Com isso, aumenta a dependência por cestas básicas compostas essencialmente de alimentos industrializados, que deveriam ser soluções



emergenciais, mas que se tornaram estratégias permanentes, ameaçando a saúde e a soberania alimentar desses povos (Cardoso et al., 2009; Valente, 2021).

Além disso, aumenta a aquisição de alimentos industrializados através dos mercados que podem ser acessados por novos meios de transporte, mais baratos e rápidos para chegar às cidades do entorno da TI, além das estratégias de transferência de renda que não consideram as particularidades do contexto indígena (Nova, 2018). Faltam estudos para caracterizar a situação da alimentação na Terra Indígena do Xingu (TIX) e sua relação com as mudanças climáticas, e as pressões socioambientais crescentes. Por isso, este trabalho se propõe a compreender esse cenário a partir da valorização das narrativas das mulheres xinguanas, que estão nas linhas de frente das lutas cotidianas do território.

METODOLOGIA

Para atingir o objetivo proposto, foram feitas entrevistas semiestruturadas, rodas de conversa e diários de campo, sob a perspectiva das metodologias participativas com amplo envolvimento dos pesquisadores e pesquisadoras indígenas. O trabalho de campo ocorreu entre fevereiro e outubro de 2023 na TIX, com a participação de 57 pessoas residentes nas Aldeias Ulupune, Topepeweke e Yawalapiti (Autorização do CEP/CONEP, CAAE: 47193421.2.0000.5240). Para o presente estudo foram selecionados parte dos relatos coletados em três rodas de conversa com as mulheres de cada uma das aldeias participantes e cinco entrevistas com as lideranças femininas. Todas as indígenas ouvidas consentiram em participar e autorizaram o uso da imagem e das informações coletadas.¹

As entrevistas e rodas de conversa foram traduzidas por um pesquisador indígena e revisadas por outras pesquisadoras do estudo. Os relatos foram analisados através da análise temática reflexiva, de natureza qualitativa, com a finalidade de explorar contrastes e similaridades entre os relatos dos indígenas para compreender os desafios sistêmicos relativos ao impacto das mudanças climáticas e do agronegócio sobre os ecossistemas e seus efeitos na soberania alimentar dos xinguanos.

RESULTADOS

De acordo com o relato dos xinguanos, as mudanças climáticas, somadas ao agronegócio e ao acesso aos alimentos “do homem branco” estão impactando substancialmente a saúde, a alimentação e as práticas agrícolas tradicionais.

Nos últimos anos, o aumento das temperaturas tem tornado o trabalho nas roças insustentável: *“Hoje em dia o sol está muito quente e no tempo da seca está mais quente. Neste caso, nós não estamos trabalhando bem, a quentura deixa o meu corpo dolorido, eu vou sentir dores de braços, dores de mãos. No tempo da seca, quando vou trabalhar, não me sinto bem quando*

¹ Agradecemos o apoio financeiro do Programa Inova Fiocruz por meio do Edital Saúde Indígena Nº 03/2022 da Vice Presidência de Ambiente, Atenção e Promoção da Saúde (VPAAPS) e da Chamada CNPq/MCT/FNDCT Nº 18/2021 - Faixa B - Grupos Consolidados.



estou trabalhando, não consigo mais respirar, sinto pressão alta e falta de ar, a tarde eu saio para buscar mandioca, não aguento mais, tenho que procurar a sombra para poder descansar”
- Ixulalu Waura (cacica de Topepeweke).

Na Terra Indígena do Xingu (TIX), a estação seca começaria no mês de maio, tendo seu ápice no mês de agosto e a chuva começaria no final de setembro, sendo o mês de janeiro o mais chuvoso. *“Estamos mudando a época de plantar. No passado, começávamos a plantar no mês de agosto, agora só podemos começar no final de setembro para outubro”*. - Tsimaio Kalapalo (anciã, ex cacica da Aldeia Yawalapiti).

Somado ao aumento das temperaturas, as mudanças nos padrões de chuva descaracterizam as estações e influenciam diretamente na produtividade das roças. *“Hoje em dia a gente está fazendo plantação e não está mais crescendo. Hoje em dia a gente está sentindo muito quente, a planta, a roça de mandioca não está mais crescendo igual antigamente”*. - Maitsa Yawalapiti (anciã da Aldeia Yawalapiti).

Além da mudança climática, o agronegócio também representa uma ameaça à soberania alimentar dos xinguanos e vem sendo associado à contaminação dos rios e do solo com agrotóxicos, afetando a qualidade e a disponibilidade das caças e dos peixes. Os incêndios florestais e o desmatamento causam preocupação nos xinguanos, apresentando uma série de impactos negativos no território, entre eles a morte das árvores e da floresta e seus potenciais de alimentação, como as frutas nativas. A mandioca, os peixes, a caça, e as frutas são centrais para a alimentação dos xinguanos, no entanto vêm sendo muito prejudicados pelo agronegócio e a mudança climática.

Paralelo ao cenário de pressões socioambientais, os xinguanos vêm percebendo casos crescentes de doenças crônicas. A origem das novas doenças que têm surgido entre os xinguanos ainda causa controvérsias, mas a explicação mais frequente entre eles é o acesso cada vez maior à comida do “homem branco”. Entende-se que a transição alimentar das aldeias para as “comidas da cidade” e o abandono das práticas alimentares tradicionais é um risco para a saúde:

“Fiz exame ano passado, sofri muito, fiquei com falta de ar, por isso que não como mais, não tomo refrigerante, não como pão doce, nem outros tipos de comidas. Como apenas comida tradicional mesmo, o que está faltando para mim é pimenta. Por isso que estou me sentindo bem. A comida da cidade trouxe coisa ruim para minha saúde, fiquei com dor no meu coração, tanto suor, engordei, por isso não desvalorizamos a nossa cultura alimentar, mas o que está desaparecendo é a cana, batata, amendoim, banana que ninguém planta e está faltando, mas fazer comida tradicional todos nós sabemos fazer. A gente precisa aprender a cozinhar a comida do homem branco para não causar problema de saúde”. - Autuyawalu Waura (anciã, Aldeia Ulupuene).

CONCLUSÕES



Através da percepção das mulheres cacas, jovens e anciãs xinguanas, foram observados impactos das mudanças climáticas, do agronegócio, e do acesso aos alimentos externos aos territórios indígenas na saúde, alimentação e nas suas práticas agrícolas. Esse cenário representa potenciais ameaças ao bem viver, à soberania e à cultura alimentar, promovendo o abandono das roças tradicionais e a perda de cultivares nativos, com consequências para a biodiversidade, saúde, e segurança alimentar e nutricional. Este trabalho buscou valorizar a percepção das mulheres, que são protagonistas nestas lutas.

PALAVRAS-CHAVE: bem viver, soberania alimentar, mudança climática, saúde indígena, agronegócio

REFERÊNCIAS

BRAUN V, CLARKE V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**. 3(2):77–101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 1 mar. 2023.

CARDOSO, A. M. et al. (coord). **Inquérito Nacional de Saúde e Nutrição dos Povos Indígenas**. Relatório Final (Análise dos Dados) no 7. Rio de Janeiro: FUNASA; ABRASCO; Banco Mundial, 2009. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/handle/icict/56846/Inquerito-Nacional-de-Saude-e-Nutricao-dos-povos-Indigenas-2009.pdf>. Acesso em: 22 set. 2023.

HACON, S. S. et al. Mercury exposure through fish consumption in traditional communities in the Brazilian Northern Amazon. **International Journal of Environment Research and Public Health**, [s.l.], v. 17, n. 15, p. 5269, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.3390/ijerph17155269>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/17/15/5269>. Acesso em: 22 set. 2023.

NOVA, M. P. As políticas de transferência de renda e o desenvolvimento: o caso dos Kalapalo do Alto Xingu. **Maloca, revista de estudos indígenas**, Campinas, n. 1, v. 1, p. 78 - 97, 2018. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/maloca/article/view/13198/8596>. Acesso em: 22 set. 2023.

POVOS INDÍGENAS NO BRASIL. Povo Xingu. PIB, [s.l.], [2002?]. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Xingu>. Acesso em: 21 set. 2023.

VALENTE, R. Governo compra 1 milhão de cestas com biscoito e açúcar sem ouvir indígenas. **UOL**, [s.l.], 28 set. 2021. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/colunas/rubens-valente/2021/09/28/cestas-basicas-indigenas-governo-bolsonaro.htm>. Acesso em: 22 set. 2023.

VARGAS, T. ENSP 69 anos: Indígenas falam sobre os impactos das mudanças climáticas no território e na saúde. **Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca** - Informe ENSP, Rio



ELABVIS

I ENCONTRO LATINO-AMERICANO DE BEM VIVER E INOVAÇÃO SOCIAL

“Como podemos cultivar o Bem Viver nas cidades da
América Latina através das inovações sociais?”

Ecuador



de Janeiro, 11 set. 2023. Disponível em: <https://informe.ensp.fiocruz.br/noticias/54491>. Acesso em: 21 set. 2023.

VASCONCELLOS, A. C. et al. Health Risk Assessment of Mercury Exposure from Fish Consumption in Mundurucu Indigenous Communities in the Brazilian Amazon.

International Journal of Environmental Research and Public Health, v. 18, n. 15, 2021.

Doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph18157940>. Disponível em: <https://www.mdpi.com/1660-4601/18/15/7940>. Acesso em: 21 set. 2023.